

TÊNIS DE CAMPO PARA PORTADORES DA SÍNDROME DE DOWN: DESAFIOS PEDAGÓGICOS

Maria Teresa Krähenbühl Leitão

Resumo

Dada a não existência de dados sobre os procedimentos de ensino do tênis de campo para portadores da Síndrome de Down, iniciamos um trabalho específico, cujo objetivo foi proporcionar a aprendizagem desta modalidade através de procedimentos adequados e adaptados, respeitando as características individuais dessa população. Objetivamos também que, além dos alunos poderem aprender os fundamentos básicos da modalidade, possam apresentar melhoras em alguns itens relativos ao comportamento adaptativo tais como, autonomia, aptidões sociais, participação comunitária, saúde e segurança e o lazer.

Palavras-Chave

Aprendizagem; Tênis; Síndrome de Down.

Abstract

Because of the lack of data regarding procedures for teaching field tennis to people with Down's syndrome, we have planned a specific work which the main purpose was to provide a learning of this sport through adequate adapted procedures which take into account the special characteristics of the subjects. We also purpose that, besides being capable of learning the basics of the sport, as well as improving some aspects regarding adaptive behavior such as autonomy, social aptitude, community participation, health and safety, and leisure.

Key -Words

Learning; Tennis; Down syndrome.

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a escassez ou mesmo a não existência de dados sobre os procedimentos de ensino-aprendizagem do tênis de campo para portadores da Síndrome de Down, levou-nos a pensar na possibilidade de iniciar um trabalho específico com essa população, pois conforme os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) citados em Werneck,¹ as pessoas portadoras de deficiência representam de 15 a 20% da população brasileira; dentre eles, de 30 a 50% tem deficiência mental e ainda 25% são portadores da Síndrome de Down. Estudos têm sido feitos para a atualização desses dados.

No intuito de oportunizar o desenvolvimento da potencialidade de cada indivíduo, optamos por essa modalidade esportiva pois o tênis, além de ampliar o vocabulário motor do aluno através de estratégias e uma prática socioeducativa coerente e identificada com a necessidade de cada um, pode promover a socialização e normalização. A normalização é definida pela Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação e do Desporto (MEC) como ação que visa “... oferecer, aos portadores de necessidades especiais, modos e condições de vida diária o mais semelhante possível às formas e condições de vida do resto da sociedade”, pois as condições educacionais e sociais são as mesmas para todas as pessoas.²

Além disso, por ser o tênis um esporte individual que requer habilidades gerais e específicas tais como a coordenação global, atenção, coordenação visual-motora, percepção espacial, dentre outras, pode conseguir atenuar ou melhorar algumas características peculiares da Síndrome, como por exemplo o déficit de atenção.

Para as aulas, são utilizados os materiais básicos da modalidade (raquetes e bolas), bem como vários materiais alternativos tais como: tocos de madeira, raquetes de “baby tennis”, raquetes de meia, luvas de goleiro, arcos, bolas de espuma, bolas de borracha e plástico de diferentes tamanhos, bolas de meia, bexigas, cestas “alvos” de diferentes alturas e larguras, latas de bolas vazias, fitas coloridas, baldes, dentre outros.

Como procedimento metodológico, nos utilizamos da análise de tarefas por entendermos ser um procedimento auxiliar na organização das aulas, bem como da observação assistemática ou ocasional e – como a observação pode igualmente apresentar dificuldades ao pesquisador na coleta de informações –

¹ WERNECK, C. *Muito prazer eu existo...*

² BRASIL. SEE/MEC. *Política nacional de educação especial*, p. 22.

completamos a análise com o registro documentado.

TÊNIS DE CAMPO

De acordo com Brechbühl,³ no tênis a idéia do jogo é devolver a bola batendo do seu campo com o auxílio de uma raquete por cima de uma rede, na área de jogo do adversário, desencadeando trocas de bolas através de movimentos simples e adaptados à situação. É uma ação global das capacidades do corpo e da mente traduzidos pelos movimentos que levam à obtenção de resultados, ou seja, acertar a bola.

O tênis pode ser definido como um esporte de situação porque “requer grande capacidade de adaptação a situações que se modificam continuamente, em tempos brevíssimos”.⁴ O movimento característico de um tenista não se restringe portanto, ao gesto técnico. Devem ser levados em consideração, também, os estímulos recebidos do meio ambiente e a partir dos quais o jogador elabora o programa motor.

De acordo com Brechbühl,⁵ o jogador de tênis deve mover-se com rapidez, posicionando-se onde vai ocorrer o impacto, manter o corpo sob controle, sincronizar todos os segmentos corporais, gerar uma adequada aceleração da cabeça da raquete, coordenar os olhos no ponto de impacto, tudo isso, enquanto está se preparando para bater a bola com a velocidade e controle necessários. Nesse meio tempo, o jogador deve estar consciente da ação do adversário, sua posição na quadra, o tipo de golpe ou efeito empregado e ainda, as condições externas, tais como vento, sol, dentre outros.

Os golpes utilizados no jogo são: direita e esquerda (ou utilizando a terminologia original inglesa conhecida internacionalmente como “forehand” e “backhand”), saque ou serviço (“serve”), voleio (“volley”) de direita e de esquerda (consiste em rebater a bola antes dela tocar o solo), “smash” ou cortada e “lob” (devolver a bola por cima do adversário, encobrindo-o), as deixadas ou curtas (“drop shot”), as passadas laterais (“passing shot”), dentre outros.⁶

SÍNDROME DE DOWN

A Síndrome de Down é caracterizada por alterações genéticas nos cromossomos, ou seja, existência de um cromossomo extra no par 21, também conhecida como Trissomia do cromossomo 21.⁷ A trissomia pode ser a simples (corresponde a 96% dos casos), quando os pais têm cariótipo normal, ocorrendo a

³ BRECHBÜHL, J. *La maîtrise du tennis*.

⁴ PITTERA, C. & VIOLETTA, D. R. *Voleibol: dentro del movimiento*, p. 1.

⁵ BRECHBÜHL, J. *La maîtrise du tennis*.

⁶ CHOQUET, J. *Tennis. Technique-jeu-entraînement*.

⁷ PUESCHEL, S. *Síndrome de Down. Guia para pais e educadores*.

trissomia por acidente genético, cujas causas são ainda discutidas; a de translocação, quando o cromossomo adicional está montado sobre um cromossomo de outro par (G ou D). Pode ocorrer durante a formação das células reprodutoras, mas também pode ser herdada do pai ou da mãe; a de mosaicismo que, ao contrário dos demais casos, os portadores possuem células normais (com 46 cromossomos) e células trissômicas (com 47 cromossomos).

Werneck⁸ ainda esclarece que nessa divisão celular falha, é sempre o cromossomo 21 o responsável pelos traços físicos específicos, função intelectual limitada e outras anomalias internas, características freqüentes nos porta-dores da Síndrome de Down.

O comprometimento mental ocorre, pois normalmente o cérebro é menor e com menos células nervosas, devido a presença do cromossomo extra em todas as células, inclusive as cerebrais e as conexões são mais pobres.⁹ Devemos mesmo assim, entre outras coisas, respeitar seu ritmo mais lento, uma vez que acreditamos que ele é capaz de aprender e viver em sociedade.

APRENDIZAGEM MOTORA

Pfromm Netto¹⁰ diz que a educação é o processo por meio do qual o indivíduo assimila conhecimentos, técnicas, atitudes, interagindo com a cultura ou o ambiente em que vive, sendo também influenciada diretamente por fatores externos e internos, individuais e sociais. E Gallahue completa afirmando que “a educação deve perseguir o propósito que o homem possa vivenciar e experimentar para que possa conhecer, selecionar, eleger, decidir e modificar seus caminhos”.¹¹

A partir dessa idéia, podemos definir a aprendizagem como sendo uma mudança interna no indivíduo relativamente permanente, pois nos acompanha desde o nascimento até a morte, que envolve um conjunto de processos no sistema nervoso central, no qual o comportamento ou a potencialidade para um comportamento é modificado pela experiência ou como resultado da prática,¹² ocorrendo nos três domínios do comportamento humano: cognitivo (desenvolvimento de capacidades intelectuais), afetivo (emoções, valores e atitudes) e motor (habilidades ativas práticas).

A aprendizagem e desempenho de habilidades motoras também é um desafio para a vida toda, está relacionada com as etapas de desenvolvimento em que se encontra a criança e, podemos dizer que esse

⁸ WERNECK, C. op. cit.

⁹ LEFÈVRE, B.H. *Mongolismo – orientação para famílias*.

¹⁰ PFROMM NETTO, S. *Psicologia da aprendizagem e do ensino*.

¹¹ GALLAHUE, D. L. *Development movement experiences for children*, p. 1; e GALLAHUE, D.L. *Wokshop* sobre desenvolvimento motor.

¹² SCHMIDT, R.A. *Aprendizagem e performance motora. Dos princípios à prática*.

processo começa cedo com a aquisição do controle postural e a habilidade para agarrar objetos com as mãos, depois com as habilidades locomotoras e então, as habilidades manipulativas tal como rebater. Com o passar do tempo essas habilidades são refinadas e combinadas em seqüências de movimentos, produzindo habilidades mais complexas.

Para Holle,¹³ as etapas do desenvolvimento de uma criança com comprometimento mental seguem a mesma ordem que na criança “normal”, apesar de a primeira não progredir tanto em muitos aspectos importantes e levar mais tempo para fazê-lo, elas conseguem aprender, embora num ritmo mais lento.

Portanto, procuramos dar ao tênis de campo uma conotação mais sistematizada, pois os alunos portadores da Síndrome de Down, apesar das características de “mais lentos”, podem aprender e atingir o objetivo da modalidade, ou seja, a seqüência de rebatidas.

A seguir, abordaremos alguns aspectos que se mostraram relevantes nas situações de ensino-aprendizagem e que podem servir de parâmetro para futuras investigações.

1. O jogo de tênis é um jogo complexo, pois temos que considerar o nosso próprio desempenho no rebater, o tipo de piso em que jogamos, o jogador adversário e ainda as condições climáticas (claridade, sol, vento) como fatores limitantes.

Comentário: como essas situações nos mostraram ser um fator determinante no desempenho dos alunos, procuramos solucionar dificuldades apresentadas pelo ambiente, como por exemplo: em dias muito quentes, com muito sol, procuramos alternar as atividades no sol e na parte da quadra que tenha mais sombra, utilizando os procedimentos menos fatigantes; em dias de muito vento, procuramos fazer uma atividade com materiais maiores e que apresentavam mais possibilidades de acerto, bem como deixar os alunos mais próximos da rede; podemos nos utilizar do paredão por ter um piso de cimento em que a bola não desvia tanto quanto na quadra de saibro.

- 2) Os alunos são divididos por faixa etária, características motoras e grau de desenvolvimento.

Comentário: procuramos trabalhar cada grupo respeitando a individualidade de cada um, bem como o objetivo e as características de cada faixa etária como por exemplo, para os alunos mais novos (9 e 10

¹³ HOLLE, B. *Desenvolvimento motor na criança normal e retardada*.

anos), a ênfase é nos movimentos fundamentais (lançar, correr, arremessar), ou seja, procuramos desenvolver mais o estímulo para o tênis e nos preocupamos menos com a parte técnica da modalidade; para os alunos de 11 e 12 anos, começamos as habilidades individuais do programa das Olimpíadas Especiais (controle da bola, rebater); para os alunos mais velhos (13 a 15 anos) além de todos os outros procedimentos, utilizamos o rebater de direita e esquerda e o saque por baixo, aumentando a dificuldade de acordo com as respostas dos alunos;

- 3) Se levarmos em consideração que para jogar tênis somente seria necessário saber rebater de direita/esquerda e sacar ou talvez, colocar a bola em jogo por meio do voleio, o jogo é simples de se compreender.

Comentário: os alunos não precisam necessariamente aprender todos os golpes de uma vez, visto que eles só utilizarão num primeiro momento o rebater de direita e esquerda e o saque que também pode ser por baixo, não sendo obrigatório pela própria regra, fazer o movimento por cima da cabeça, que apresenta um grau de complexidade maior na coordenação do movimento raquete/bola.

- 4) As regras de tênis são, de início, difíceis de serem compreendidas, mesmo para crianças “normais”. A contagem é diferente de 1,2,3..., as linhas de simples/duplas às vezes causam dúvidas, os alunos se confundem quando há o empate em 40x40 que precisam contar as vantagens, o “Tie Break” não conta como nos “Games” normais; quando o jogador erra o primeiro serviço, tem direito à outro sem contar pontos, dentre outras.

COMENTÁRIOS:

- a) utilizamos fita colorida em cima das linhas (de simples e depois na área de saque) para diferenciar dentro e fora; colocamos um plástico na extensão da rede para mostrar que, quando a bola bate no plástico, o aluno perde o ponto; utilizamos cartões com a numeração referente à contagem para que os alunos possam gravar ou memorizar a seqüência;
- b) o quique único da bola no solo às vezes confunde o aluno que tende a deixar quicar mais de uma vez ocorrendo então, a perda do ponto. Para rebater a bola antes do segundo quique no solo, o aluno deve correr e rebater a bola, sem dar a continuidade no ponto;

- c) devido à dificuldade de compreensão das regras, podemos sugerir para a fase de aprendizagem,
- d) algumas adaptações tais como: não fazer jogos de duplas, para ele não se confundir com as linhas nem as posições em quadra; não utilizar a regra de vantagem/desvantagem em caso de empate em 40x40; não utilizar a contagem de “Tie Break” em caso de empate em 6x6; dar a possibilidade de rebater a bola mesmo após o segundo quique no chão; caso haja dificuldade em memorizar a seqüência 15, 30, 40 e “Game”, contar somente 1, 2, 3 e 4.

Podemos considerar, de acordo com a afirmação de Pittera & Violetta,¹⁴ que por ser o tênis um esporte de situação, a seqüência de comportamentos é adequada a cada situação particular do jogo, não podendo então ser pré-determinada. Como no tênis há influência do ambiente, existem caminhos, condições e recursos diferentes utilizáveis em cada prática, mas que podem, certamente, levar ao mesmo resultado final.

Deixamos claro, portanto, que podemos utilizar essas adaptações, mas tão logo o aluno se mostre preparado para entender as regras oficiais, devemos dar todas as possibilidades para que isso ocorra, pois um dos objetivos da aprendizagem do tênis é a aplicação dos fundamentos nos demais locais onde ocorra a prática da modalidade (clubes, academias, praias, locais públicos), junto com amigos, família e outros, podendo ocorrer então, a integração. Como comenta Richard Bonjean:

Assim como nós, elas são diferentes entre si. Portanto, se alguém quiser oferecer-lhes uma oportunidade, esta deve ser compatível com a idade, com o meio sociocultural e com as diferenças de cada uma... Por isso é importante que pais, educadores e profissionais sirvam de guias; esta é a diferença entre educar e superproteger.¹⁵

Como os alunos não conheciam previamente o jogo de tênis, a adaptação de algumas atividades já existentes e aplicadas com alunos não portadores de deficiência fez-se necessária, para que pudessemos conseguir atingir os objetivos propostos especificamente para os alunos com comprometimento cognitivo.

A partir das respostas dos alunos (“feedback”) utilizamos os procedimentos que se mostraram mais adequados e modificamos os que não correspondiam à realidade. Como, a partir de então, os alunos nos davam respostas favoráveis, isto é, estavam compreendendo os procedimentos, colocando-os em prática e ainda, tendo sucesso, a sugestão desses procedimentos pareceu-nos pertinente.

¹⁴ PITTEIRA, C. e VIOLETTA, D.R. *Voleibol: dentro del movimiento*.

¹⁵ Apud WERNECK, C. op. cit., p. 53.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devemos esclarecer que nossa busca de procedimentos visando facilitar a aprendizagem dos alunos portadores da Síndrome de Down nos mostrou ser de igual importância na aplicação com o alunos “normais”, pois a complexidade inicial do jogo de tênis não é específica para os portadores de comprometimento cognitivo, mas para qualquer aprendiz.

Devemos, contudo, levar em consideração que alguns alunos talvez não cheguem a jogar tênis no sentido amplo, ou seja, utilizando as regras internacionais – até mesmo talvez não utilizem todos os fundamentos além dos básicos (como por exemplo bolas com efeitos) – mas todos poderão chegar à seqüência de rebatidas.

Acreditamos que após a aprendizagem do tênis, os alunos poderão ter melhoradas algumas características peculiares da Síndrome de Down, como por exemplo o déficit de atenção, e também em pelo menos 5 dos 10 itens do comportamento adaptativo tais como as aptidões sociais, a participação comunitária, a saúde e segurança, a autonomia e o lazer.

A questão da sociabilização, comumente tratada pela Pedagogia, é desafiadora neste universo, tendo em vista as dificuldades de compreensão e entendimento do mundo que os cerca e da necessidade de desenvolvimento das percepções que interferem no contato social e no próprio auto-conhecimento.

Podemos concluir, portanto, que os alunos, além de conseguirem aprender a seqüência do jogo de tênis, têm tido a oportunidade de se expressar através da atividade e de experimentar uma modalidade esportiva considerada pouco acessível às minorias.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Política nacional de educação especial: livro 1. Brasília.
- BRECHBÜHL, J. *La maîtrise du tennis*. Lausanne: Payot, 1982.
- CHOQUET, J. *Tennis*. Technique-jeu-entraînement. Paris: Amphora, 1988.
- GALLAHUE, D. L. *Development movement experiences for children*. Tradução para fins didáticos. New York: John Wiley e Sons, 1982.
- _____. *Wokshop de desenvolvimento motor*. Uniban, S.P. 1998. (transparências)
- HOLLE, B. *Desenvolvimento motor na criança normal e retardada*. São Paulo: Manole, 1990.
- LEFÈVRE, B. H. *Mongolismo - orientação para famílias*. Compreender e estimular a criança deficiente. 2. ed. São Paulo: Almed, 1985.
- PFROMM NETTO, S. *Psicologia da aprendizagem e do ensino*. São Paulo: EPU, 1987.
- PITTERA, C; VIOLETTA, D. R. *Voleibol: dentro del movimiento*. Buenos Aires: Editorial Volley, 1997. Tradução para fins didáticos.
- PUESCHEL, S. *Síndrome de Down*. Guia para pais e educadores. Campinas: Papirus, 1995.
- SCHMIDT, R. A. *Aprendizagem e performance motora*. Dos princípios à prática. São Paulo: Movimento, 1992.
- WERNECK, C. *Muito prazer eu existo...* 4ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 1993.

Maria Teresa Krähenbühl Leitão

Faculdade de Educação Física/Unicamp
Escola Superior de Educação Física de Jundiaí

Referência do artigo

ABNT

LEITÃO, M. T. K. Tênis de campo para portadores de síndrome de dow: desafios pedagógicos. *Conexões*, v. 1, n. 2, 1999

APA

Leitão, M. T. K. (1999). Tênis de campo para portadores de síndrome de dow: desafios pedagógicos. *Conexões*, 1(2), 75-84.

VANCOUVER

Leitão MTK, Tênis de campo para portadores de síndrome de dow: desafios pedagógicos. *Conexões*, 1999; 1(2): 75-84.